

ACADEMIA OLÍMPICA INTERNACIONAL

Maj Rômulo Bini Pereira — Instrutor da EsEFE



Em 1961, a Academia Olímpica Internacional, em Olímpia, Grécia, realizou a sua primeira Sessão de Estudos. Daquela data até hoje, dezoito sessões ininterruptas foram realizadas, congregando representantes de vários países e expoentes esportivos e culturais do mundo. A criação e a consolidação da Academia Olímpica Internacional concretiza mais um dos sonhos do fundador dos modernos Jogos Olímpicos, Pierre de Coubertin: um centro mundial de estudos com a finalidade de salvaguardar o "espírito olímpico", disseminando-o pelo mundo dos esportes; explicando as regras dos Jogos Olímpicos e o es-

tatuto do Comitê Olímpico Internacional; estudando os problemas relacionados com o esporte de competição e os Jogos Olímpicos.

Pierre de Coubertin não se interessava somente pelas competições atléticas, mas também se convenceria de que o fundo moral dos Jogos Olímpicos teria uma enorme influência no caráter da juventude e em grau maior na consciência das nações, que poderiam se entender melhor na procura da paz mundial. A despeito das grandes dificuldades surgidas nestes anos de existência, vencidas pelas ações de homens como John Ketseas e Carl Diem e o apoio de or-

ganizações como o Comitê Olímpico Grego e o Comitê Olímpico Internacional, a Academia Olímpica Internacional tornou-se um centro cultural de reconhecido conceito mundial, onde os aspectos filosóficos e práticos do "olimpismo" são estudados e debatidos.

ACADEMIA OLÍMPICA INTERNACIONAL

Construída ao norte do antigo estádio de Olímpia, no prolongamento da "Colina de Kronos" de onde Zeus, segundo a lenda, assistiu aos primeiros Jogos, a Academia domina todo o vale sagrado de Olímpia. Nesta posição privilegiada, na qual se pode sentir a vibração e a emoção no ar de 2.000 anos de Jogos Olímpicos, todas as facilidades modernas são proporcionadas aos jovens que participam de seus cursos.

Acomodações e tratamento de primeira qualidade, salas de conferência com sistema áudio de tradução nos três idiomas oficiais do Movimento Olímpico (francês, inglês e grego), conjuntos esportivos completos, biblioteca e filмотeca atualizadas, aliados à educação e gentileza do povo grego, contribuem para o ambiente de estudo e pesquisa da Academia.

A sua direção é constituída de um conselho de quatro membros, denominado "Ephoria", eleito para o período correspondente ao intervalo dos Jogos Olímpicos e escolhido entre as expressões culturais e esportivas da sociedade grega.

A "Ephoria" estabelece para cada sessão anual currículo básico a ser seguido, convidando conceituados conferencistas de todo o mundo que abordam assuntos ligados não só ao Movimento Olímpico, mas também à Educação, Psicologia e Fisiologia, História e Arqueologia, Medicina Esportiva e Técnicas Modernas.

Paralelamente às conferências de temas gerais, a "Ephoria" escolhe para cada Sessão um tema central, que é debatido entre conferencistas e participantes. O diálogo aberto é um importante fator observado nas diretrizes educacionais da Academia. Professores, técnicos, doutores, artistas e membros dos Comitês Nacionais e Comitê Olímpico têm a oportunidade de ouvir a geração jovem, sem pressões de qualquer espécie, sobre os problemas da sociedade moderna e dos esportes. Exemplos de temas centrais são:

— O atleta como ser humano (1967)

— Esporte competitivo e Educação (1968)

— O Futuro do Movimento Olímpico (1971)

— O Meio Social do Atleta Olímpico (1972)



Vista do antigo Estádio de Olympia

XVIII SESSÃO DA AOI

Com a participação de 22 conferencistas, 152 participantes de 43 países, e a presença, pela primeira vez, de um delegado brasileiro, realizou-se a XVIII Sessão da Academia, no período de 6 a 22 de julho de 1978.

O estudo dos temas, sugestões e observações sobre o movimento olímpico foi transcrito em relatório enviado ao Comitê Olímpico Internacional.

Dos temas e sugestões, ressaltou-se a educação olímpica, cuja adoção aprimora as qualidades humanas através do esporte e tem um valor fundamental e universal. Constitui-se em um efetivo instrumento na educação dos povos e na concretização da paz mundial. A sua aplicação é de responsabilidade de pais, educadores, governantes, escolas e universidades, especializadas ou não em educação física. Necessita, para a sua disseminação, do apoio de educadores e governantes. Seu esclarecimento, não só à época dos Jogos Olímpicos, deve utilizar os modernos meios de comunicação, complementados por cursos e cadernos especiais, coordenados pelos Comitês Nacionais.

Observou-se uma real preocupação nos debates quanto ao futuro dos Jogos Olímpicos, com ênfase nos aspectos econômicos e políticos que atualmente pressionam a sua realização. Quanto ao futuro, foram feitas as seguintes propostas:

— Responsabilidade dos Jogos para países e não cidades, proporcionando um maior suporte financeiro e unificação de esforços.

— Limitada descentralização dos Jogos, por meio da qual as competições poderiam ser delegadas para diferentes países ou lugares dentro do mesmo país e as competições sendo realizadas no curso de um ano. (Ano Olímpico)

— Utilização de complexos esportivos prontos, como Munique e Montreal, visando à diminuição de custos.

Outro fato importante foi a aprovação unânime do programa "Solidariedade Olímpica", cujo objetivo é proporcionar cursos e estágios especializados, bolsas de estudo, informações esportivas atualizadas e ajuda financeira, auxiliando os Comitês Nacionais no trabalho em prol do movimento olímpico.

Debater-se o novo "status" do atleta, denominado "elegibilidade", posição intermediária entre o amadorismo e o profissionalismo, uma possível solução às pressões da sociedade moderna sobre o atleta.

Discutiu-se a distinção entre uma "Carta Olímpica", técnica e administrativa, relativa aos Jogos Olímpicos e uma "Carta Olímpica", básica, relativa aos princípios olímpicos.

Houve citação, nos artigos fundamentais da "Carta Olímpica", do papel de várias instituições que trabalham em favor do Movimento Olímpico, como a Academia Olímpica Internacional.

Demonstraram-se receios quanto ao relacionamento do Comitê Olímpico Internacional, órgão apolítico, com órgãos de características políticas, como a Unesco, o que poderá causar consequências diretas nos objetivos do movimento olímpico.

Naquelas duas semanas de convívio fraternal entre atletas, técnicos, professores e líderes esportivos de todas as partes do mundo, inclusive do Brasil, estudaram-se, entre outros temas, os princípios básicos do olimpismo, princípios que se baseiam nos valores puros do homem, como: a honestidade, a humildade, a fraternidade, a coragem, a honra, a moral, o cavalheirismo e o respeito ao ser humano, e que são adquiridos e aprimorados na prática da educação física e do esporte de competição.

O sonho final, para muitos utópico, do Barão Pierre de Coubertin — a amizade dos povos e a paz mundial através do esporte — foi atingido naquela pequena parcela da humanidade e teve na Academia Olímpica Internacional o suporte eficaz. Esperamos que o seu exemplo frutifique pelo mundo. □

BIBLIOGRAFIA:

- A FILOSOFIA OLÍMPICA E OS JOGOS OLÍMPICOS — John Lucas (USA)
- MODERNO OLIMPISMO — Otto Szymiczer (GRÉCIA)
- OLIMPISMO E RELIGIÃO — Cardeal Antoine Samoré (VATICANO)
- ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO OLÍMPICO — Madame Beltroux (FRANÇA)
- OLIMPISMO E EDUCAÇÃO — Mohamed Mzali (TUNÍSIA)
- ACADEMIA OLÍMPICA INTERNACIONAL — Georges de Hanovre (GRÉCIA)